

TRANS VERSO

02 Princípios e movimentos para uma jornada projetual transformadora: uma proposta de design estratégico regenerativo

recebido em 07/09/2025
aprovado em 03/10/2025

Princípios e movimentos para uma jornada projetual transformadora: uma proposta de design estratégico regenerativo

Carolina Tomaz Barbosa
carolinatomazbarbosa@gmail.com
Unisinos

Karine de Mello Freire
redesigndevidas@gmail.com
PUC-RIO

RESUMO (PT): Diante das polícrises do século XXI, o paradigma mecanicista, patriarcal e capitalista que guia o design e o desenvolvimento humano demonstra ser insustentável e degenerativo. Este artigo propõe o Design Estratégico Regenerativo (DER) como uma abordagem inovadora para transitar de uma cosmovisão antropocêntrica para uma biocêntrica, fomentando uma cultura regenerativa. Fundamentado no Bem Viver (ontologia), Ecofeminismo (epistemologia) e Pensamento Sistêmico, o DER busca transformar práticas degenerativas em processos que respeitam e regeneram a vida em todas as suas formas. O trabalho detalha doze princípios metodológicos (ontológicos, epistemológicos e metodológicos) e oito movimentos projetuais, exemplificando como se traduzem em ações concretas de design. O artigo oferece um guia prático para designers, comunidades e organizações co-criarem futuros regenerativos e justos para todo o ecossistema planetário.

Palavras-chave: design regenerativo, design estratégico, bem viver, ecofeminismo, co-design sentipensante.

ABSTRACT (ENG): In the face of the polycrises of the 21st century, the mechanistic, patriarchal, and capitalist paradigm guiding design and human development proves to be unsustainable and degenerative. This article proposes Regenerative Strategic Design (RSD) as an innovative approach to transition from an anthropocentric to a biocentric worldview, fostering a regenerative culture. Grounded in Buen Vivir (ontology), Ecofeminism (epistemology), and Systems Thinking, RSD seeks to transform degenerative practices into processes that respect and regenerate life in all its forms. The work details twelve methodological principles (ontological, epistemological, and methodological) and eight design movements, exemplifying how these translate into concrete design actions. The article offers a practical guide for designers, communities, and organizations to co-create regenerative and just futures for the entire planetary ecosystem.

Keywords: regenerative design, strategic design, buen vivir, ecofeminism, sentient co-design.

1. Introdução: o chamado à regeneração no design

A história recente do design, embora impulsionada pela inovação, tem sido cúmplice de um sistema que exaure recursos e acentua desigualdades. O Design Estratégico, que surgiu no início dos anos 2000 com o objetivo de promover inovações sociais e sustentáveis, já reconhecia a necessidade de uma transição. No entanto, a intensificação da crise climática, a perda de biodiversidade e a crescente injustiça social — evidenciadas por relatórios como os da OXFAM (2024) e do IPCC¹ (2022) que alertam para a concentração de riqueza nas mãos de poucos e a projeção de escassez de água e fome para milhões de pessoas nas próximas décadas — exigem que o design vá além da sustentabilidade: antes de sustentar, é preciso regenerar. O ano de 2024, considerado o mais quente desde o período pré-industrial, com impactos climáticos extremos, sublinha a urgência de uma mudança.

Diante desse cenário global de “policrises” interdependentes — sociais, ambientais e econômicas, conforme descrito por Morin (1990) — os sistemas políticos, sociais, econômicos e culturais vigentes, baseados em um paradigma mecanicista, cartesiano, patriarcal e capitalista, têm se mostrado destrutivos para a vida. Historicamente, o design industrial, impulsionado pela Revolução Científica e Industrial, focou na produção de bens sem considerar seus impactos ambientais e sociais, refletindo uma economia degenerativa. Reconhecendo a cumplicidade do design nesse processo, acredita-se que ele também pode ser um elemento catalisador de mudança rumo a uma nova cultura regenerativa.”

Este trabalho propõe o Design Estratégico Regenerativo (DER) como um meio para transitar de uma cosmovisão antropocêntrica para uma biocêntrica, e de uma cultura degenerativa para uma regenerativa.

O DER diferencia-se do Design Estratégico tradicional, que busca criar significado em níveis individuais e coletivos, promovendo sustentabilidade em produtos, serviços e sistemas. Conforme Daniel Wahl (2020), citado no texto, o design precisa ir além da sustentabilidade e focar na regeneração, abordando questões ambientais, sociais e culturais. A sustentabilidade é entendida como um objetivo de equilíbrio ecossistêmico, enquanto a regeneração é o caminho fundamental para atingir esse objetivo.

Ao incorporar uma cultura regenerativa, o DER propõe mudanças ontológicas, epistemológicas e metodológicas, inspiradas nas relações naturais e na epistemologia ecofeminista. Ele busca resgatar a espiritualidade e reverenciar a sacralidade da vida.

O objetivo central deste estudo é estimular a reflexão sobre o DER, enfatizando os conceitos de regeneração e design regenerativo. Isso visa colocar o bem-estar e o cuidado com a vida no centro dos processos decisórios, guiados por uma abordagem ecossistêmica em que a natureza atua como mentora.

A metodologia de pesquisa utilizada para desenvolver esta proposta incluiu uma revisão bibliográfica não sistemática, explorando uma variedade de fontes para compreender temas emergentes como cultura regenerativa a partir de epistemologias do sul global.

É relevante destacar que esta pesquisa foi conduzida logo após a de Natalí Garcia (2022), que, fundamentada no conceito das Três Ecologias de Guattari, explorou a interseção entre o Design Regenerativo e o Design Estratégico.

1 The Intergovernmental Panel on Climate Change

Embora ambas as pesquisas sejam sobre o Design Estratégico Regenerativo, elas adotam perspectivas epistemológicas distintas: enquanto Garcia (2022) fundamentou sua investigação nas Três Ecologias de Guattari, este estudo se ancora nos conceitos de Bem Viver (Acosta, 2016), Ecofeminismo (Mies & Shiva, 2014) e Pensamento Integral, Ecológico e Sistêmico (Meadows, 2009; Lovelock, 2016; Wilber, 2017).

Nas seções seguintes, será apresentada a abordagem do Design Estratégico Regenerativo, detalhando suas bases ontológicas e epistemológicas, seus princípios metodológicos e, crucialmente, os oito movimentos que guiam sua jornada projetual, exemplificando como estes se traduzem em ações concretas de design.

2. Bases ontológicas e epistemológicas do design estratégico regenerativo

A proposta de um Design Estratégico Regenerativo (DER) visa promover transformações para que as diversas formas de vida possam coexistir na Terra. Fundamenta-se na compreensão de que o Design, a partir de coletivos criativos, elabora estratégias organizacionais para criar inovações sociais. Esta pesquisa opera a partir de uma ontologia biocêntrica, que considera todas as formas de vida sagradas e interconectadas, as quais devem ser respeitadas para que o equilíbrio dos ecossistemas se mantenha e a Terra tenha condições de se regenerar.

Autores que fundamentam essa ontologia aproximaram a ciência e a espiritualidade na proposição de uma ecologia profunda, na qual uma mudança de consciência, de natureza espiritual, nos leva à reconexão com a nossa verdadeira natureza interdependente de todas as formas de vida, como expressa John Seed: “Não somos separados das montanhas, precisamos pensar como montanhas” (Seed, 2021). Essa ontologia é a base do pensamento indígena, no qual a Natureza é reverenciada por sua inteligência e consciência (Krenak, 2020; Wera, 2023).

Este estudo se ancora nos conceitos de Bem Viver (Acosta, 2016), Ecofeminismo (Mies & Shiva, 2014) e Pensamento Integral, Ecológico e Sistêmico (Meadows, 2009; Lovelock, 2016; Wilber, 2017), cada um desempenhando um papel fundamental na estrutura conceitual da pesquisa.

- **Bem Viver como ontologia:** o Bem Viver, inspirado nas cosmovisões indígenas andinas, é adotado aqui como base ontológica, pois define a maneira como a realidade e a existência são compreendidas. Ele propõe uma visão de mundo baseada na interdependência, na harmonia entre seres humanos e natureza, e na recusa da lógica extrativista e individualista do sistema hegemônico. Nesta perspectiva, a Terra não é um recurso a ser explorado, mas um ser vivo com o qual os humanos devem estabelecer relações de respeito e reciprocidade.
- **Ecofeminismo e pensamento integral, ecológico e sistêmico como bases epistemológicas:** a partir da ontologia relacional do Bem Viver, a pesquisa se fundamenta em uma epistemologia que busca integrar diferentes formas de conhecimento. O Ecofeminismo (Mies & Shiva, 2014) fornece uma lente crítica para compreender as relações de poder que sustentam a exploração da natureza e das mulheres, enfatizando a necessidade de uma perspectiva regenerativa e não

hierárquica. Já o Pensamento Integral, Ecológico e Sistêmico permite uma abordagem que transcende a fragmentação disciplinar, reconhecendo a interconectividade entre os sistemas vivos e as múltiplas dimensões da realidade.

Dessa forma, o Bem Viver estrutura a visão fundamental sobre a existência (ontologia), enquanto o Ecofeminismo e o Pensamento Integral, Ecológico e Sistêmico fornecem os referenciais epistemológicos que orientam a produção e validação do conhecimento nesta pesquisa.

2.1 Bem Viver como ontologia

O Bem Viver (ou *Buen Vivir*, em sua língua original) é um conceito fundamentado na cosmovisão andina, pautada no equilíbrio, na harmonia e na convivência entre os seres, tanto do indivíduo consigo mesmo, quanto com a sociedade e o planeta. Defende que as decisões e projetos não devem focar exclusivamente nos humanos, mas sim no “ser humano vivendo em comunidade e harmonia com a Natureza” (Acosta, 2016, p. 27).

Acosta (2016), autor de *O Bem Viver*, político, economista e defensor dos “Direitos da Natureza”, na Constituição do Equador, apresenta essa visão como uma alternativa à cultura capitalista. Originada nos povos indígenas andinos do Equador e Bolívia, conhecidos como *Sumak Kawsay* em quíchua e *Suma Qamaña* em aymara, respectivamente, ela propõe uma sociedade com laços comunitários sólidos, fundamentada em solidariedade, compartilhamento, e onde a natureza é considerada sujeito, não objeto. O Bem Viver emerge das lutas sociais de povos indígenas, camponeses, afrodescendentes, ambientalistas, mulheres e jovens, que coletivamente buscavam uma nova forma de vida (Gudynas & Acosta, 2011; Acosta, 2016). Segundo Escobar (2016), essa cosmovisão desafia a ideia ocidental de desenvolvimento e progresso, propondo um sistema econômico centrado em dignidade humana e justiça socioambiental. Acosta (2016) destaca que a cultura do Bem Viver é intrinsecamente decolonial e feminista, baseando-se em uma cosmovisão não ocidental e não capitalista. Adota uma visão não antropocêntrica, reconhecendo o valor intrínseco da natureza, fundamental para a sustentação da vida. Isso implica que todos os seres vivos têm o mesmo valor ontológico, com atividades como cultivos e criação de animais sendo analisadas dentro de uma perspectiva ecossistêmica saudável.

O capitalismo, com sua premissa de acumulação de capital baseada no lucro, propriedade privada e liberdade econômica, tem sido o modelo dominante. Acosta (2016) relembra que o conceito de “desenvolvimento” e “subdesenvolvimento” foi institucionalizado em 1949 por Harry Truman, com o Produto Interno Bruto (PIB) se tornando o principal indicador de progresso. No entanto, esse modelo levou à exploração de recursos e à marginalização de populações vulneráveis. O Bem Viver questiona a ética do “viver melhor” do capitalismo e propõe um “diálogo permanente e construtivo de saberes e conhecimentos ancestrais com a parte mais avançada do pensamento universal, em um processo de contínua descolonização da sociedade” (Acosta, 2016, p. 209).

A cultura do Bem Viver tem como principal valor a solidariedade, oposta à competição e exploração capitalista. Propõe trocas e relações de colaboração que proporcionem suficiência sustentada pela reciprocidade, reconhecendo o trabalho produtivo e reprodutivo e defendendo a inclusão e igualdade de gênero. O trabalho é dignificado, e a produção visa o suficiente para todos, sem exploração da natureza ou do ser humano. Exemplos de práticas econômicas indígenas que inspiram o Bem Viver incluem:

- *Minka* (minga): Organização coletiva para objetivos comuns, um mutirão comunitário que atua em problemas sem esperar ajuda externa.
- *Ranti-Ranti*: Intercâmbio baseado em valores culturais de dar e receber, priorizando o outro.
- *Chukchina*, *chalana* ou *challina*: Prática de coletar restos da colheita e compartilhar para atender a todos, minimizando desperdícios.

Essas práticas demonstram uma cultura de relações solidárias, recíprocas e corresponsáveis, que devem ser a base de um design regenerativo. O Bem Viver é um movimento de “mudança civilizatória” (Acosta, 2016, p. 231) que busca construir um mundo sustentável, justo, igualitário, livre e mais humano, resgatando saberes e tradições indígenas como uma proposta decolonial (Gudynas & Acosta, 2011).

2.2 Ecofeminismo como epistemologia

Vandana Shiva, renomada ecofeminista, já alertava em 1988 que o discurso de progresso era a “roupagem” do projeto patriarcal ocidental de pós-colonização, no qual o colonialismo é crucial para o crescimento do capitalismo, baseado na exploração e exclusão de mulheres, na degradação da natureza e na erosão de outras culturas (Shiva, 1988, p. 1).

Nesse contexto, o ecofeminismo estabelece uma conexão direta entre as ações humanas e a crise ambiental, entrelaçando o ativismo feminista e ecológico e ressaltando a preocupação com a dominação masculina sobre mulheres e natureza. O termo foi cunhado por Françoise d'Eaubonnes em 1974, clamando por uma revolução feminista para assegurar a sobrevivência ecológica global.

Nesta pesquisa, seguimos a perspectiva de Howell (1997), que considera o ecofeminismo como uma epistemologia que defende igualmente os direitos dos seres humanos e da Natureza. Essa epistemologia enxerga mulheres, povos excluídos e a natureza como vítimas de opressão, exploração e injustiça. Quatro princípios básicos moldam o pensamento ecofeminista (Howell, 1997):

1. **Transformação Social:** necessária para a sobrevivência e justiça, promovendo igualdade, diversidade cultural, não-violência e estabelecendo instituições participativas e não hierárquicas. Requer a substituição do poder hierárquico por relações de reciprocidade e solidariedade.
2. **Transformação Intelectual:** rejeita a lógica normativa baseada em dualismos e hierarquias estereotipadas, propondo um pensamento holístico, integral e sistêmico, oposto ao dualismo que favorece a dominação.
3. **Ciência da Ecologia como Base:** valoriza a natureza por sua virtude intrínseca, em contraste com a visão capitalista de matéria-prima. Destaca a importância da diversidade para a sobrevivência e o equilíbrio biológico da biosfera.
4. **Diversidade Humana:** defende não apenas a diversidade de espécies, mas também a humana, reconhecendo o valor intrínseco e a subjetividade de mulheres, pessoas de cor e pobres, e superando formas hierárquicas de dominação cultural, sexual e religiosa.

A dimensão espiritual é parte integrante da abordagem ecofeminista, alinhando-se à perspectiva dos povos indígenas que veem a Mãe Terra como um ser sagrado, resgatando crenças ancestrais que respeitavam e honravam a natureza e seus ciclos.

Mies e Shiva (2014) afirmam que a forma como a mulher é tratada na sociedade reflete a cultura patriarcal ocidental, que coloca o homem branco em posição superior, promovendo exploração e destruição. A desconexão com a energia feminina é vista como uma raiz do comportamento competitivo e dominador dos homens, levando à crise socioambiental. Gaard (2015) mostra que mulheres e crianças são desproporcionalmente afetadas pela crise climática, tendo 14 vezes mais chances de morrer em desastres ecológicos, como exemplificado pelo ciclone *Gorky* e o tsunami em Aceh. Isso corrobora que a crise climática reforça a pobreza do tempo das mulheres (Olivera *et al.*, 2021, p. 24).

O ecofeminismo correlaciona o comportamento de opressão com a exploração do meio ambiente, das mulheres e de outros grupos raciais. O discurso de “modernização” e “desenvolvimento” é visto como uma retórica masculina para a degradação do mundo natural e uma desculpa para explorar a população mais vulnerável (Mies & Shiva, 2014). Assim, este trabalho defende um design estratégico regenerativo que abraça a dimensão ecofeminista para promover uma sociedade mais justa para todos os seres vivos, humanos e mais-que-humanos. O ecofeminismo traz a espécie humana de volta para dentro da natureza, valorizando os ciclos da vida e a interdependência.

2.3 Pensamento integral, ecológico e sistêmico como metodologia

Nosso planeta não é uma máquina, ele é um ecossistema, um organismo vivo (Lovelock, 2016). Dessa compreensão decorre que todos os atores e elementos que fazem parte desse ecossistema planetário apresentam uma relação de interdependência. E, sendo um organismo vivo, possui inteligência e consciência. O ser humano é apenas um integrante desse organismo vivo, que precisa aprender a conviver respeitosamente com outras formas de vida que interagem nesse mesmo organismo. A visão integral considera os níveis de consciência interior-individual, exterior-individual, interior-coletivo e exterior-coletivo, na relação do eu com a cultura e a natureza (Wilber, 2017). Da interconexão dos sistemas individuais, sociais e naturais emerge a ecologia integral. A visão integral requer outro modo de pensamento que considera os sistemas e suas interconexões. O pensamento reducionista, herança da era moderna, lida com problemas de forma isolada, separando o problema do contexto e tratando-o linearmente, o que é inadequado para sistemas complexos.

Em contraste, o pensamento sistêmico assume que as relações de causalidade são dinâmicas, com componentes afetando-se de maneiras inesperadas. A espiritualidade é uma dimensão importante da visão integral, que encoraja uma perspectiva holística e um foco na interconexão de todas as coisas. Brené Brown (2020) define espiritualidade como uma prática que nos conecta a algo maior, encontrando significado e propósito. Essa conexão com a totalidade nos permite perceber como “interseres”, termo cunhado pelo monge budista Thich Nhat Hanh (1995), que aponta uma mudança de percepção, indo na contramão da narrativa de separação imposta pela cultura ocidental. Essa cosmovisão está alinhada à perspectiva ecofeminista, que vê todos os seres como iguais, como parte da natureza, e uma das causas-raízes das crises atuais é a hierarquia e subjugação. Ailton Krenak (2022) exemplifica o

“interser” ao destacar que a água, a natureza, possui espírito e inteligência, e que ao sujar as águas, acabamos com a nossa própria existência, pois somos 70% água. “Sejamos água, em matéria e espírito, em nossa movência e capacidade de mudar de rumo, ou estaremos perdidos” (Krenak, 2022).

Donella Meadows (2009) enfatiza a importância do pensamento sistêmico para enfrentar desafios globais como mudanças climáticas, pobreza e desigualdade social. Ela argumenta que compreender e modificar sistemas vai além de apenas analisá-los; envolve perceber as interações e o potencial para mudança que podem ajudar a atingir objetivos específicos, identificando “pontos de alavancagem” para grandes impactos. Wahl (2020) propõe que, ao analisar um sistema, ao invés de olhar para suas partes, é necessário entender esse sistema e suas relações e, a partir dali, explorar soluções ganha-ganha-ganha a fim de melhorar a saúde geral e a sustentabilidade daquele sistema como um todo.

Campbell (2022) explica que sistemas são definidos por suas inter-relações e funcionalidades, e o pensamento sistêmico lida com essas relações, acolhendo a incerteza e imprevisibilidade. Ela propõe seis princípios para guiar o pensamento sistêmico em situações complexas:

1. Relacionamento e consequências: as partes de um sistema são inter-relacionadas, e essas relações têm consequências, promovendo uma visão holística.
2. Cadeia de mudanças: a mudança em um lugar gera mudanças em outro, com efeitos que podem variar no tempo, espaço e escala.
3. Estrutura impulsiona comportamento: é preciso entender a estrutura de um sistema, pois ela impulsiona seu comportamento. Sem mudança na estrutura, não há mudança nos resultados.
4. Padrões recorrentes: focar nos padrões recorrentes na estrutura do sistema, em vez de eventos individuais.
5. Perspectivas e modelos mentais: moldam nossa visão do sistema; o pensamento sistêmico abraça múltiplas perspectivas.
6. Mudança constante: sistemas estão sempre mudando, levando a resultados inesperados, exigindo flexibilidade e adaptabilidade.

Reconhecer as relações de interdependência dos elementos de um sistema é a base do pensamento sistêmico, desviando o olhar dos elementos para as relações que se estabelecem entre eles. Portanto, este trabalho sublinha a importância do pensamento sistêmico como um dos fundamentos do DER, integrando cuidado, conexão e atenção às questões ambientais e sociais, promovendo inovações socioambientais. O DER transcende a visão centrada apenas no humano (elemento) para uma visão ecossistêmica (das relações entre humanos e mais-que-humanos) para um bem viver de todos (ecologia integral).

3. Design estratégico e a proposta regenerativa

O Design Estratégico é uma abordagem que diz respeito à produção de sentido, tanto em níveis individuais como coletivos, e busca agir, através da projeção de cenários orientados à inovação e sustentabilidade (Franzato *et al.*, 2015). Vai além de uma proposta produto-serviço, envolvendo criar estratégias

que considerem todo o ecossistema onde atua. É uma metodologia capaz de contribuir em uma transição para a sustentabilidade, promovendo tanto estratégias de ecoeficiência quanto mudanças no comportamento social (Meroni, 2008). Zurlo (2010) e Freire (2015) defendem-no como um processo aberto de design, que observa o contexto do projeto, permitindo inovação e criatividade, e problematizando questões e sistemas vigentes (Freire, 2017).

Meroni (2008) apresenta o Design Estratégico como uma disciplina que lida com questões emergentes e complexas, não apenas resolvendo, mas compreendendo a raiz dos problemas, e valorizando iniciativas de base que impulsionam a inovação social. Trabalha com a projeção de cenários a partir de visões e interesses comuns, sendo, por isso, uma metodologia de co-design que acredita na cocriação para alcançar propostas criativas e inovadoras. Mais do que resolver problemas, o Design Estratégico rompe com a lógica reducionista e mecanicista, abraçando a complexidade, instigando os designers a irem mais fundo na raiz dos problemas e a cocriarem ferramentas e metodologias que auxiliem além do problema apresentado. Ele emerge diante dos desafios e complexidades da atualidade, migrando de uma cultura focada na indústria para uma que considera todo o sistema em que está inserida.

Manzini (2017) destaca a evolução do design, que amplia seu escopo de atuação centrado em produtos industriais para atuar no redesenho de organizações e ecossistemas e criar ambientes mais inclusivos, diversos e resilientes. Isso se dá por meio de uma abordagem mais participativa, onde o processo projetual é feito de forma colaborativa. Cross (Dorst & Cross, 2001) e Manzini (2017) afirmam que o design é uma habilidade humana natural, tornando todos designers — especialistas ou “difusos” — capazes de projetar soluções para sua realidade. O co-design, então, integra esses diferentes atores no processo projetual.

O DER propõe que o Design Estratégico incorpore a cultura regenerativa, com uma proposta de evoluir em sua abordagem, incluindo a questão da sustentabilidade, sugerindo que o processo projetual vise a regeneração como uma mudança cultural. Ademais, o DER enfatiza os sistemas vivos como pilar de sua abordagem, sendo a natureza sua inspiração. Outro ponto a se destacar é que o DER não separa o cuidado e o olhar das questões ambientais das questões sociais, atuando para a promoção de inovações socioambientais. Além disso, destaca o sentir, o intuir e o corpo para o processo de co-design, utilizando o termo sentipensante. O DER sai de uma visão centrada apenas no humano para uma visão mais ecossistêmica, cujo objetivo é atuar para o bem do planeta, atento às questões socioambientais do nosso ecossistema (Forlano, 2017).



Figura 1 – Design Estratégico x Design Estratégico Regenerativo. Fonte: elaborado pelas autoras.

4. Co-design sentipensante: o sentir para o agir

Daniel Wahl (2020) destaca que viver as perguntas de forma conjunta e buscar soluções colaborativamente é aplicar a inteligência coletiva a serviço da transformação cultural, base de um design regenerativo. O co-design é o caminho de aproximação do processo criativo ao usuário valorizando a sua colaboração e participação nos processos criativos e de inovação (Sanders e Stappers, 2008). A colaboração, diferente da cooperação, envolve trabalhar em conjunto desde o início, estabelecendo laços de confiança, corresponsabilidade e apoio mútuo, o que enriquece os projetos e os torna mais criativos, inovadores e resilientes (Damiani, 2008).

Desde a década de setenta, Nigel Cross (1972) já apontava a necessidade de novas abordagens no design, com a participação cidadã na tomada de decisões. Na América Latina, Orlando Fals Borda desenvolveu a “investigação-ação-participativa” (IAP), uma forma de design participativo que formaliza metodologias alternativas de investigação e ação, focada em problemas regionais e locais para promover processos emancipatórios (Ibarra, 2020). Sanders e Stappers (2008) destacam que o co-design, ao dar voz igual a todos os envolvidos, rompe com a cultura capitalista de hierarquia e competição, no entanto, o designer especialista continua a sistematizar o processo e a criar metodologias e ferramentas que promovam a cocriação.

Para ir além, estimulando uma cultura regenerativa, este trabalho adota o conceito de co-design sentipensante. Essa palavra, utilizada por comunidades ribeirinhas afrodescendentes da Colômbia e disseminada por Fals Borda, significa “agir com o coração usando a cabeça” (Gómez, 2021, p. 510). Ela questiona a separação entre mente e corpo, razão e emoção, humano e natureza, secular e sagrado, vida e morte, promovendo a unicidade e valorizando saberes e territórios locais. Maturana (2003) aponta que a ênfase no racional nos cegou para nossas emoções e sentimentos.

Akama, Hagen e Whaanga-Schollum (2019) problematizam metodologias de co-design pré-formatadas e eurocêtricas, que muitas vezes desconsideram a importância da escuta profunda, o reconhecimento das características do grupo, os contextos históricos e ambientais, e as imprevisibilidades. Elas defendem a necessidade de desenvolver laços de conexão e afetos antes, durante e depois do processo, permitindo que as pessoas se sintam à vontade

para se expressar, gerando maior envolvimento e pertencimento. Na mesma direção, Ann Noel (2020) vem desenvolvendo trabalhos para que a subjetividade e o olhar do designer sejam reconhecidos. A autora afirma que o designer não é cultural ou politicamente neutro, apontando que suas características pessoais inevitavelmente se manifestam no projeto. Incluir pessoas diversas e reconhecer a ausência de vozes são passos importantes para uma verdadeira empatia. Para auxiliar nesta jornada, Ann Noel (2021) desenvolveu o “Alfabeto Crítico para Designer”, uma ferramenta para operar no DER. Três princípios podem auxiliar nesta jornada para um co-design inclusivo e participativo (Ann Noel & Paiva, 2021):

- 1. Reconhecer a exclusão:** perguntar quem ou qual grupo está sendo excluído.
- 2. Resolver para um e estender para muitos:** projetar visando a acessibilidade minimiza preconceitos e melhora a experiência geral.
- 3. Aprender com a diversidade:** ter representantes ou histórias de uma pluralidade de pessoas (idade, gênero, raça, crenças, culturas, habilidades) torna o projeto mais resiliente.

Ibarra (2020) defende que os vínculos devem ser estabelecidos não apenas entre os participantes do projeto, mas também com a comunidade e o ecossistema. Esses vínculos permitem que o projeto produza conhecimento e promova uma transformação social naquele território, impulsionando a prática sentipensante de Fals Borda. O co-design sentipensante promove um design emancipatório, que sai de métodos preestabelecidos e valoriza o real, fluido e conectado com os saberes e realidades locais de seus participantes. O processo deixa de ser passivo para ser criativo, guiado pela intuição e pelo fluxo. Observar, sentir e ouvir são peças fundamentais que rompem com o paradigma mecanicista, conectando-nos verdadeiramente com o mundo e suas demandas. Freire e Del Gaudio (2021) apresentaram uma experimentação dessa nova formação de cultura de design com alunos do Bacharelado Interdisciplinar de Artes, Humanidades e Tecnologia, estimulando um agir projetual que unia a técnica ao sentir, à corporeidade, aos afetos e à conexão consigo mesmo e com a comunidade. Por todas essas características, o co-design sentipensante é um pilar fundamental do DER, enfatizando o sentir, a participação genuína de um grupo diverso e o questionamento de modelos preestabelecidos.

5. Princípios metodológicos do Design Estratégico Regenerativo (DER)

O Design Estratégico Regenerativo (DER) é fundamentado em doze princípios que são essenciais para orientar uma jornada projetual que não só respeita a interconexão e a complexidade dos sistemas em que operamos, mas também promove uma cultura de regeneração e sustentabilidade. Estes princípios, derivados das bases conceituais do DER (Bem Viver, Ecofeminismo e Pensamento Sistêmico), formam a espinha dorsal da proposta de uma jornada rumo a um design regenerativo. A operação projetual por meio desses princípios é crucial para transcender os antigos paradigmas do design, que frequentemente priorizavam o lucro em detrimento do bem-estar humano e ecológico. O DER propõe uma mudança de paradigma, onde a regeneração de sistemas sociais e culturais é vista como o objetivo central do design. Para cada dimensão, destacam-se quatro princípios fundamentais para orientar uma jornada projetual regenerativa.

Dimensões ontológicas

- **Colaborativo:** promove a cooperação coletiva para alcançar objetivos comuns, fortalecendo a sinergia.
- **Solidário:** foca no cuidado e na empatia pelos outros, oferecendo suporte e assistência, especialmente aos em desvantagem.
- **Decolonial:** valoriza conhecimentos e recursos locais, desafiando as perspectivas reducionistas, patriarcais e capitalistas tradicionais.
- **Partilha Justa:** advoga contra o acúmulo de riquezas, promovendo a distribuição equitativa de recursos e excedentes para todos.

Dimensões epistemológicas

- **Equitativo:** ressalta a importância da igualdade entre todos os seres, rejeitando hierarquias naturais e promovendo respeito mútuo entre todos os elementos do sistema.
- **Diverso:** encoraja a inclusão de uma ampla diversidade de gêneros, etnias, culturas, histórias e habilidades, o que enriquece e fortalece projetos e sistemas.
- **Inclusivo:** garante que todas as vozes sejam ouvidas e todos os saberes respeitados, contribuindo para um ambiente acolhedor e participativo.
- **Não-Violento:** oposição a qualquer forma de subjugação, exploração e destruição, seja de indivíduos, conhecimentos, culturas ou da natureza.

Dimensões metodológicas

- **Relacional:** enfatiza que todas as partes de um sistema são interconectadas e interdependentes. Modificações em uma parte impactam o todo, reforçando que os elementos não podem ser considerados isoladamente.
- **Contextual:** considera o ambiente em que o sistema está inserido, incluindo recursos disponíveis, características e habilidades dos elementos. A mudança no contexto implica mudança nos elementos do sistema.
- **Adaptativo:** destaca a capacidade de um sistema se reorganizar e alcançar equilíbrio após alterações, promovendo resiliência e auto-organização diante de mudanças.
- **Dinâmico:** sublinha que os sistemas vivos estão em constante movimento, onde mudanças em uma área provocam alterações em outras, evidenciando a não estática do sistema.

Esses princípios não apenas orientam a abordagem do Design Estratégico Regenerativo, mas também estabelecem um caminho para uma prática de design que seja verdadeiramente transformadora, ética e sustentável. Ao sugerir esses princípios, o DER se propõe a criar soluções que respondam de maneira eficaz e responsável aos desafios contemporâneos, fomentando um futuro em que a regeneração e a coexistência sejam a norma.

Aplicação dos princípios em processos de design:

Para um designer que adota a perspectiva do DER, a aplicação desses princípios não é uma mera formalidade, mas uma bússola constante para a tomada de decisões e a condução do processo:

- **Colaborativo:** significa que o designer não atua como um solucionador solitário, mas como um facilitador de processos coletivos, garantindo que todas as partes interessadas, desde o início, contribuam ativamente para a definição do problema, a geração de ideias e a construção de soluções.

Como exemplo de ação: realizar workshops de cocriação, promover diálogos abertos e construir um ambiente de confiança mútua.

- **Solidário:** implica que o designer foca no bem-estar de todos, especialmente dos mais vulneráveis, em vez de apenas atender aos interesses dos detentores de poder.

Como exemplo de ação: priorizar projetos que beneficiem comunidades marginalizadas, garantir que as soluções sejam acessíveis e considerar as necessidades de diferentes grupos sociais.

- **Decolonial:** leva o designer a questionar as narrativas dominantes e eurocêntricas, valorizando e integrando os saberes, culturas e recursos locais.

Como exemplo de ação: incorporar conhecimentos ancestrais, técnicas tradicionais e materiais autóctones nos projetos, desafiando modelos importados que podem não se adequar ao contexto local.

- **Partilha justa:** guia o designer a criar sistemas que promovam a distribuição equitativa de benefícios e recursos, evitando a concentração e o desperdício.

Como exemplo de ação: projetar plataformas de economia circular, sistemas de recursos compartilhados e modelos de negócios que promovam a equidade e a abundância para todos.

- **Equitativo:** significa que o designer reconhece o valor intrínseco de todos os seres (humanos e não-humanos), rejeitando hierarquias de espécie ou gênero.

Como exemplo de ação: incluir a “voz” da natureza nos processos de design, considerar os impactos em ecossistemas e biodiversidade, e garantir que as soluções não perpetuem desigualdades de gênero ou raça.

- **Diverso:** impulsiona o designer a buscar uma pluralidade de perspectivas na equipe e entre os participantes do projeto.

Como exemplo de ação: formar equipes multidisciplinares e multiculturais, incluir pessoas de diferentes idades, gêneros e habilidades no processo de cocriação para enriquecer as soluções.

- **Inclusivo:** traduz-se na criação de espaços e processos onde todas as vozes são ouvidas e respeitadas, especialmente aquelas historicamente silenciadas.

Como exemplo de ação: utilizar metodologias participativas adaptadas, garantir acessibilidade na comunicação e nos espaços de interação, e validar as soluções com os grupos diretamente afetados.

- **Não violento:** significa que o designer evita qualquer forma de subjugação, exploração ou destruição, seja de pessoas, culturas ou do meio ambiente.

Como exemplo de ação: projetar com princípios de permacultura, economia regenerativa, e desenvolvimento local sustentável, minimizando impactos ambientais e sociais negativos.

- **Relacional:** leva o designer a enxergar os problemas e soluções como parte de sistemas interconectados, e não como elementos isolados.

Como exemplo de ação: mapear as interdependências entre os componentes de um sistema (sociais, econômicos, ecológicos) e projetar intervenções que fortaleçam a saúde do sistema como um todo.

- **Contextual:** exige que o designer compreenda profundamente o ambiente específico onde o projeto será implementado, considerando suas particularidades, recursos e histórico.

Como exemplo de ação: realizar imersões no território, pesquisas etnográficas e adaptar as soluções às realidades culturais e ambientais locais, em vez de aplicar modelos universais.

- **Adaptativo:** implica que o designer projeta para a resiliência e a evolução, reconhecendo que os sistemas são dinâmicos e imprevisíveis.

Como exemplo de ação: desenvolver soluções flexíveis, iterativas, que possam ser ajustadas com base no feedback e na mudança do contexto, promovendo a auto-organização dos sistemas.

- **Dinâmico:** leva o designer a reconhecer a constante mudança nos sistemas vivos e a projetar para essa fluidez.

Como exemplo de ação: implementar mecanismos de monitoramento contínuo, antecipar possíveis surpresas e consequências não intencionais, e desenhar para que as soluções evoluam com o tempo e o ambiente.

6. Os oito movimentos do Design Estratégico Regenerativo

A partir dos princípios, são introduzidos oito “movimentos”, que são essenciais para a dinâmica do processo de DER. A opção pelo termo “movimento”, em contraposição a “etapas”, reflete a intenção de criar uma bússola orientadora para esta jornada projetual regenerativa, evocando a ideia de dinamismo e fluxo. Ao sentipensar a jornada projetual, o sentir ocorre ao longo do fluxo do processo, e as ferramentas são adotadas conforme fazem sentido para o projeto (Ibarra, 2021).

Os movimentos propostos para um DER, tendo o design estratégico como base fundadora, não seguem uma lógica linear e podem apresentar idas e vindas ao longo do processo projetual. Esses movimentos são inspirados em metodologias como Dragon Dreaming (Croft, 2009) e Design de Permacultura (Mollison, 1990).

A seguir, são detalhados os oito movimentos propostos:

6.1 Conectar

Este é o primeiro movimento do DER, focado na conexão e criação de vínculos. Em trabalhos sociais e comunitários, a criação de laços é essencial para um processo participativo, inclusivo e sustentável (Akama, Hagen e Whaanga-Schollum, 2019).

- Princípios abordados: colaborativo, solidário, inclusivo, diverso, relacional.
- Perguntas-chave: “O que me conecta a esse projeto? Como me sinto em relação a ele? O que é necessário para eu me envolver 100% no projeto? O que esse projeto precisa ter para que me realize pessoalmente?” (nível pessoal); “Qual o perfil das pessoas envolvidas? Quais as lacunas de perfis identificamos nesse grupo? Como podemos resolver isso? Como tornar esse projeto o mais diverso e inclusivo possível?” (nível coletivo); “Qual impacto esse projeto pode promover na organização/comunidade? Como esse projeto pode criar um senso de coletividade? Como esse projeto pode promover uma maior conexão entre as pessoas com a natureza?” (nível projeto).

6.2 Conhecer

Este movimento envolve a pesquisa e a imersão na realidade do projeto e seu contexto. Vai além de coletas de dados “protocolares”, buscando uma compreensão profunda das dinâmicas e relações do sistema, valorizando os saberes locais.

- Princípios abordados: contextual, decolonial.
- Perguntas-chave: “Quais objetivos queremos atingir? Qual o objetivo principal?” e “Quais dados e informações são necessários para eu conhecer a realidade e o contexto deste projeto?”.

6.3 Imaginar

Este é um exercício de projetar cenários futuros desejáveis, abraçando a criatividade e a inovação para a regeneração. Incentiva a pensar em possibilidades que vão além do convencional, incluindo o “impossível”.

- Princípios abordados: colaborativo, equitativo, não violento, dinâmico.
- Perguntas-chave: “Que futuros queremos cocriar para nossa comunidade/organização?”; “Como seriam os futuros possíveis a partir do projeto desenvolvido?”; “Quais seriam seus impactos nas futuras gerações e no ecossistema em que está inserido?” (Wahl, 2020).

6.4 Mapear

Inspirado na permacultura, este movimento foca no uso de recursos locais (materiais, humanos, naturais) para a realização de projetos. A permacultura defende a máxima eficiência ecológica, incentivando o trabalho com o que já está disponível para minimizar externalidades negativas (Mollison, 1990). Os três pilares da permacultura — cuidar da Terra, cuidar das pessoas e partilha dos excedentes — conectam-se às dimensões do DER. O design de permacultura ensina a observar o contexto e as características dos sistemas para projetar de forma eficiente (Mollison, 1990).

- Princípios abordados: decolonial, partilha justa, contextual, relacional.
- Perguntas-chave: “Dos recursos que precisamos para viabilizar o projeto, consigo obtê-los dentro do ecossistema em que ele está inserido?”; “Quais os recursos tangíveis e intangíveis presentes?”; “Como otimizar os recursos que já existem?”; “Quais as habilidades e competências das pessoas envolvidas que podem agregar ao projeto?”.

6.5 Sistematizar

Nesta fase, as informações coletadas e as ideias imaginadas são interpretadas e organizadas para preparar a experimentação. É o momento de aplicar as “lentes do DER”, verificando a presença dos princípios regenerativos e refletindo sobre o que foi sentido no processo.

- Princípios abordados: todos os 12 princípios são revisados ativamente nesta fase.
- Perguntas-chave: “As informações que levantamos são suficientes para experimentar um primeiro protótipo de projeto?”; “Estamos adotando os princípios regenerativos?”; “Estamos fazendo as perguntas necessárias para promover uma cultura regenerativa?”; “Como está o projeto pela análise do Alfabeto Crítico?”.

6.6 Experimentar

O movimento “Experimentar” leva o protótipo do projeto à prática para testar sua eficácia e funcionalidade no contexto real. O foco é a coleta de *feedbacks* para ajustes contínuos, abraçando a natureza dinâmica e imprevisível dos sistemas vivos.

- Princípios abordados: adaptativo, inclusivo, dinâmico.
- Perguntas-chave: “Como a organização/comunidade está respondendo a este projeto?”; “As pessoas estão se sentindo contempladas, vistas, ouvidas, representadas?”; “O que funcionou bem e o que não funcionou?”.

6.7 Avaliar

Após a experimentação, este movimento propõe uma análise crítica do processo sob as lentes dos princípios regenerativos. A avaliação considera não apenas os resultados do projeto, mas também os aprendizados pessoais e coletivos, e o impacto nas relações.

- Princípios abordados: todos os 12 princípios são aplicados na análise, com foco em solidário, relacional, adaptativo.
- Perguntas-chave: “Como estou me sentindo em relação ao projeto? Quais meus aprendizados?” (nível pessoal); “Como estou em relação à equipe? Tem algo que gostaria de dizer que não foi dito?” (nível coletivo); “O que ainda falta neste projeto? O que pode ser melhorado? Que resultados alcançamos? Estamos adotando os princípios regenerativos? Quão perto ou distante estamos do cenário futuro desejado?”.

6.8 Ajustar e Celebrar

Este movimento, inspirado na metodologia *Dragon Dreaming* (Croft, 2009), enfatiza a importância de parar, olhar para o projeto e para as pessoas envolvidas, e comemorar o processo. A celebração é fractal, presente em todas as etapas, e permite uma análise sistêmica e emocional do percurso. É um momento de compartilhar aprendizados individuais e coletivos, pois tão importante quanto o resultado é o cuidado com o processo e com as pessoas.

- Princípios abordados: colaborativo, solidário, dinâmico, adaptativo.
- Foco no “Ganha-Ganha-Ganha”: alinhar as ações aos pilares do *Dragon Dreaming* - crescimento pessoal, construção de comunidade e serviço à Terra (Croft, 2009).

7. Discussões: a potência da aplicação dos princípios regenerativos

O Design Estratégico Regenerativo (DER) busca criar significado em níveis individuais e coletivos, propondo cenários para a vitalidade dos ecossistemas a partir de visões construídas e compartilhadas coletivamente, reverenciando a sacralidade da vida. Como Donella Meadows (2009, p. 169-70) aponta: “o futuro não pode ser previsto, mas pode ser imaginado e concretizado afetuosamente [...] podemos ouvir o que o sistema nos diz e descobrir como as suas propriedades e os nossos valores podem trabalhar em conjunto para criar algo muito melhor do que jamais poderá ser produzido apenas pela nossa vontade”.

A capacidade de compartilhar com os seres da natureza nossa potência criativa para imaginar cenários capazes de promover a vitalidade dos ecossistemas só pode ser alcançada se, por princípio, estabelecermos outro modo de estar no mundo, que seja não-violento, diverso, inclusivo e equitativo. Como nos relacionaremos com os contextos para os quais projetamos, quem chamamos para fazer parte do projeto e quais vozes são ouvidas e respeitadas são questões para iniciar qualquer aproximação com um projeto de design estratégico regenerativo. Concretizar afetuosamente os futuros requer uma abordagem não-violenta e solidária por princípio.

Para que o futuro regenerativo se concretize, é necessário que uma coletividade esteja envolvida na construção dessa visão, pois “o sonho que se sonha junto pode virar realidade”. Para isso, é necessário, por princípio, zelar pelos saberes e recursos locais que sustentam a visão, mais que o repertório de vida dos projetistas. Trata-se de escutar, aprender e cooperar para que os resultados do projeto sejam equitativos para todos os participantes (humanos e mais-que-humanos). E isso só é possível se os projetistas romperem com a matriz de pensamento linear e abraçarem a visão integral, operada por um pensamento sistêmico. Ater-se aos princípios e movimentos é fundamental para que o percurso projetual seja exitoso.

A jornada sentipensante reforça que o design regenerativo é mais do que um processo coletivo; é um processo de transformação individual. A criação de vínculos, o reconhecimento da subjetividade do designer e a adaptação flexível do processo às realidades locais são cruciais para a promoção de uma cultura regenerativa. Isso implica desapegar de metodologias pré-definidas e permitir que a intuição e o sentir guiem a jornada, construindo projetos que ressoem com a verdadeira necessidade das comunidades. A apropriação desses movimentos e princípios depende da consciência e do desejo de percorrer uma jornada projetual intencional. Em grupos onde essa intenção não é explícita, é fundamental que um dos co-designers assuma a responsabilidade de provocar reflexões para abraçar os princípios regenerativos e utilizar as ferramentas propostas, garantindo que o processo promova uma cultura regenerativa.

8. Considerações finais

Este artigo apresentou a proposta de um Design Estratégico Regenerativo (DER) como uma abordagem integral e inovadora, capaz de responder aos complexos desafios contemporâneos marcados por polícrises interconectadas. O DER representa um aprofundamento do Design Estratégico, integrando princípios regenerativos e movimentos operacionais estratégicos que buscam não apenas mitigar os impactos negativos dos paradigmas industriais e capitalistas, mas também promover uma transformação profunda e sustentável nos sistemas de design e desenvolvimento.

Os doze princípios regenerativos, derivados das bases conceituais do DER (Bem Viver, Ecofeminismo e Pensamento Sistêmico), formam a espinha dorsal desta jornada rumo a um design regenerativo. A operação projetual por meio desses princípios é crucial para transcender os antigos paradigmas do design, que frequentemente priorizavam o lucro em detrimento do bem-estar humano e ecológico. O DER propõe uma mudança de paradigma, onde a regeneração de sistemas sociais e culturais é vista como o objetivo central do design. Este novo paradigma, fundamentado na cultura regenerativa, enfatiza a importância de regenerar não apenas o ambiente físico, mas também as relações sociais, a cultura e as estruturas econômicas.

Além dos princípios, os oito movimentos propostos (Conectar, Conhecer, Imaginar, Mapear, Sistematizar, Experimentar, Avaliar, Ajustar e Celebrar) funcionam como uma bússola para a jornada projetual. Eles visam guiar o designer e os grupos de cocriação a um processo mais orgânico, adaptativo e sensível, que integra os aprendizados das vivências de campo e das metodologias inspiradoras. A experiência sentipensante, a criação de vínculos e o reconhecimento da subjetividade dos envolvidos são destacadas como elementos vitais para a efetividade do DER.

A pesquisa contribui para o avanço do campo do design, trazendo uma perspectiva regenerativa para se alcançar a sustentabilidade. A interconexão, defendida pelo conceito de “interser” (Thich Nhat Hanh, 1995) e praticada por povos indígenas, constitui a base para resgatar uma cultura regenerativa, restabelecendo o sentimento de pertencimento e cuidado. Ao colocar a natureza como sujeito e valorizar todos os seres, o DER busca uma convivência em harmonia e abundância para o ecossistema planetário.

Em resumo, o Design Estratégico Regenerativo apresentado neste trabalho é uma abordagem que coloca o bem-estar e o cuidado com a vida no centro das decisões, oferecendo um caminho projetual para enfrentar os desafios do nosso tempo. Este é um convite à ação para designers, comunidades e organizações para cocriar futuros que sejam não apenas sustentáveis, mas verdadeiramente regenerativos e justos para todos os seres que compartilham nosso planeta.

Referências

- ACOSTA, Alberto. The Good Living: An opportunity to imagine another world. *In*: SOUSA, C. M. (org.). **An invitation to utopia**. Campina Grande: EDUEPB, 2016.
- AKAMA, Yoko; HAGEN, Penny; WHAANGA-SCHOLLUM, Desna. Problematizing Replicable Design to Practice Respectful, Reciprocal, and Relational Co-designing with Indigenous People. **Design and Culture**, v. 11, n. 1, p. 59-84, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/17547075.2019.1571306>.
- ANN-NOEL, Lesley. Envisioning a pluriversal design education. **Pivot 2020: Designing a World of Many Centers - DRS Pluriversal Design SIG Conference**, jun. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.21606/pluriversal.2020.021>. [online].
- ANN-NOEL, Lesley. **The Positionality Wheel**. 2020. Disponível em: <https://lesleyannnoel.wixsite.com/website>. Acesso em: out. de 2022.
- ANN-NOEL, Lesley; PAIVA, Marcelo. Learning to Recognize Exclusion. **JUS - Journal of User Experience**: v. 16, n. 2, p. 63-72, 2021.
- BROWN, Brené. **A arte da imperfeição**: abandone a pessoa que você acha que deve ser e seja você mesmo. São Paulo: Sextante, 2020.
- CROFT, John. **Introdução**: tornando os sonhos realidade. Usando dragon dreaming para construir um projeto extremamente bem-sucedido: uma abordagem abrangente em estágios. 2009. Disponível em: https://dragon-dreamingbr.org//materiais/FS_05_Como_Realizar_Projetos_de_Sucesso.pdf. Acesso em: 22 out. 2022.
- DAMIANI, Magda. Entendendo o trabalho colaborativo em educação e revelando seus benefícios. **Educar**, Curitiba, n. 31, p. 213-230, 2008.
- ECOLOGIA PROFUNDA. *In*: DICIONÁRIO Pluriverso: um dicionário do pós-desenvolvimento. São Paulo: Editora Elefante, 2021.
- ESCOBAR, Arturo. **Autonomía y diseño**: La realización de lo comunal. Popayán: Universidad del Cauca. Sello Editorial, 2016.
- ESCOBAR, Arturo. **Pluriversal Politics**: The Real and the Possible. London: Duke University Press, 2020.
- FORLANO, Laura. Posthumanism and Design. **She Ji: The Journal of Design, Economics, and Innovation**, v. 3, n. 1, p. 16-29, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.sheji.2017.08.001>.
- FRANZATO, Carlo, *et al.* Inovação Cultural e Social: design estratégico e ecossistemas criativos. *In*: FREIRE, Karine. (org.). **Design Estratégico para a Inovação Cultural e Social**. São Paulo: Kazuá, 2015.
- FREIRE, Karine de Mello. From strategic planning to the designing of strategies: a change in favor of strategic design. **Strategic Design Research Journal**, v. 10, n. 2, p. 91-96, 2017. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/sdrj/article/view/sdrj.2017.102.01>.

FREIRE, Karine; DEL GAUDIO, Chiara. Práticas de Ensino para Designers Sentipensantes. In: **Pivot Conference Proceedings 2021**. DISMANTLING / REASSEMBLING, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.21606/pluriversal.2021.0027>.

GARCIA, Natali. **Regeneração e as três ecologias de Guattari**: exploração e experimentação para o desenvolvimento do Design Estratégico. 2022. Dissertação. (Mestrado em Design) — Universidade do Vale dos Sinos (UNISINOS), Porto Alegre, 2022.

GÓMEZ, P.; KOTHARI, Ashish.; SALLEH, Ariel.; ESCOBAR, Arturo.; DEMARIA, Federico.; ACOSTA, Alberto. **Pluriverso: dicionário do pós-desenvolvimento**. São Paulo: Elefante, 2021.

GUDYNAS, Eduardo; ACOSTA, Alberto. La renovación de la crítica al desarrollo y el buen vivir como alternativa. **Utopía y Praxis Latinoamericana**, v. 16, n. 53, p. 71-83, 2011. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/237031854>.

HANH, Thich N.. **Peace is every step**. New York: Random House, 1995.

HOWELL, Nancy. Ecofeminism: what one needs to know. **Zygon**, v. 32, n. 2, p. 167-176, 1997.

IBARRA, Maria Cristina. Aproximaciones a un diseño participativo sentipensante: correspondencias con un colectivo de residentes. **Proceedings of Participatory Design Conference (PDC)**, Rio de Janeiro. v. 3, n. 19, p. 93-103, 2020.

IBARRA, Maria Cristina. **Design como correspondência**. Recife: Ed. UFPE, 2021. [versão eletrônica].

IPCC. Summary for Policymakers. In: **Climate Change 2022: Impacts**, 2022.

KRENAK, Ailton. **Caminhos para a cultura do Bem Viver**. São Paulo: Cultura do Bem Viver, 2020.

KRENACK, Ailton. **Futuro Ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LOVELOCK, James. **Gaia**: a new look at life on earth. London: Oxford University Press, 2016.

MANZINI, Ezio. **Design para inovação social e sustentabilidade**: Comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais. Rio de Janeiro: E-papers, 2008.

MANZINI, Ezio; JÉGOU, François. **Sustainable everyday**: scenarios of urban life. Milano: Edizioni Ambiente, 2003.

MANZINI, Ezio. **Design quando todos fazem design**: uma introdução ao design para a inovação social. São Leopoldo: Unisinos, 2017.

MATURANA, Humberto. **Amor y Juego**: fundamentos olvidados de lo humano desde el patriarcado a la democracia. Chile: Comunicaciones Noreste Ltda., 2003.

MEADOWS, Donella. **Thinking in Systems**. London: Earthscan, 2009.

MERONI, Anna. Strategic design: where are we now? Reflection around the foundations of a recent discipline. **Strategic Design Research Journal**, v. 1, n. 1, p. 31-38, 2008.

MIES, Maria; SHIVA, Vandana. **Ecofeminism**. London: Zed Books Ltd., 2014.

NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL. O ano de 2024 foi o mais quente da história e o primeiro a exceder 1,5 °C de aquecimento acima do nível pré-industrial. **National Geographic Brasil**, jan. 2025. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/meio-ambiente/2025/01/o-ano-de-2024-foi-o-mais-quente-da-historia-e-o-primeiro-a-exceder-15degc-de-aquecimento-acima-do-nivel-pre-industrial>. Acesso em: 02 fev. 2025. [online]

SANDERS, E. B. N.; STAPPERS, P. J.. Co-creation and the new landscapes of design. **CoDesign**, v. 4, n. 1, p. 5-18, 2008.

SHIVA, Vandana. **Staying Alive: Women, Ecology and Development**. New Delhi: Kali for women, 1988.

WAHL, Daniel. **Design de Culturas Regenerativas**. Rio de Janeiro: Bambual Editora, 2020.

WERÁ, Kaka. **Tekoá: uma arte milenar indígena para o bem-viver**. São Paulo: BestSeller, 2024.

WILBER, Ken. **A Visão Integral: uma Introdução à revolucionária abordagem integral da vida, de Deus, do universo e de tudo mais**. São Paulo: Cultrix, 2017.